

A noção de sucesso na sociedade capitalista: entre o mérito e a impessoalidade no trabalho**The notion of success in capitalist society: between merit and impersonality at labor**Janaynna de Moura Ferraz¹

Recebimento: 9 de outubro de 2020

Aprovação: 26 de outubro de 2020

Publicação: 15 de dezembro de 2020

Resumo: Este ensaio objetiva refletir acerca da noção de sucesso considerando as contradições nas relações de trabalho no capitalismo. Discute-se como a noção de sucesso se modificou no último século até que atingisse sua conformação como aparece hoje, relacionada com meritocracia, empreendedorismo e neoliberalismo. Por um lado, o sucesso costuma ser vinculado ao indivíduo, em um caráter pessoal; por outro lado, as relações de trabalho são cada vez mais impessoais. Tal antítese é o cerne para que se apresente o processo de estranhamento do trabalho nesse modo de produção para demonstrar como a noção de sucesso oculta a exploração humana, que é tanto objetiva quanto subjetiva. Conclui-se que a noção de sucesso, nessa conjuntura, encontra-se restringida à capacidade de suprir as necessidades materiais e imateriais que possam ser adquiridas, provenientes de relações humanas baseadas na acumulação capitalista, isto é, uma categoria econômica que atua como reforço ideológico.

Palavras-chave: Noção de sucesso; Capitalismo; Estranhamento.

Abstract: This essay aims to reflect on the notion of success considering the contradictions in labor relations in capitalism. It is discussed how the notion of success changed in the last century until it reached its conformation as it appears today, related to meritocracy, entrepreneurship and neoliberalism. On the one hand, success is usually linked to the individual, giving it a personal

¹ Bacharela, mestra (UFS) e doutora em Administração (UFMG). Professora adjunta no Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisadora no Núcleo de Estudos Críticos - Trabalho e Marxologia (NEC-TraMA).

character, on the other hand, working relationships are increasingly impersonal. Such antithesis is the core for presenting the process of strangeness of work in this mode of production to demonstrate how the notion of success hides human exploitation, which is both objective and subjective. It is concluded that the notion of success, in this conjuncture, is restricted to the capacity to supply the material and immaterial needs that can be acquired from human relations based on capitalist accumulation, that is, an economic category that acts as an ideological reinforcement.

Keywords: Success notion; Capitalism; Strangeness.

1. Introdução

A escolha de discutir o sucesso visa a contribuir com as reflexões sobre os sentidos do trabalho (Ferraz & Fernandes, 2019), assim como os estudos que tencionam os efeitos da lógica gerencialista sobre a subjetividade dos indivíduos e que se cristaliza sobre a noção de sucesso (Ituassu & Tonelli, 2014; 2019; Béhar, 2019; Nunes & Felix, 2019).

A antítese entre o indivíduo “capitalisticamente” virtuoso e a mútua indiferença de relações humanas reciprocamente exercidas de forma egoísta (Paço-Cunha, 2018), cuja impessoalidade é a tônica das relações entre os indivíduos, são o ponto de partida para refletir sobre como a noção de sucesso tal como ele aparece nas relações de trabalho hodiernas.

Por um lado, a difusão da lógica neoliberal (Dardot & Laval, 2016) tem levado as pessoas a crerem que o sucesso se relaciona ao mérito individual, com a sua própria capacidade de galgar ascensão social, a chamada meritocracia, que, no entender de Béhar (2019, p. 265), nos dias atuais, se encontra “estritamente alinhada às novas lógicas vigentes nas relações de trabalho, contemporaneamente associadas à individualização, realização pessoal, demonstração de capacidade pessoal, proporcionando aumento da competição entre os indivíduos na organização”.

Por outro lado, as relações de trabalho cada vez mais “uberizadas” (Franco & Ferraz, 2019), precarizadas e sem garantias sociais (Antunes, 2018) baseiam-se em relações impessoais inerentes ao modo de produção capitalista em que o valor de troca se sobrepõe à substância do produto.

Mesmo diante de tal contexto, há ali também um engendramento de uma subjetividade, o processo de individuação, que, na sociedade capitalista, se dá sob o processo estranhado das

relações humanas (Marx, 2015), no qual o ser social padece da contradição proveniente da individualidade moderna como particularidade que se manifesta pela indiferença, pelo egoísmo racional e no processo de alienação/estranhamento (Paço-Cunha, 2018).

Assim, intentamos refletir acerca da noção de sucesso considerando as contradições nas relações de trabalho no capitalismo. A situação antitética entre o mérito – que é individual – e a impessoalidade das relações de trabalho se materializa na sociedade capitalista, pois as relações humanas são mediadas pela compra e venda da força de trabalho (capitalistas e trabalhadores, respectivamente), o que pressupõe, desse modo, relações de trocas mercantis de indivíduos mutuamente indiferentes, mas socialmente dependentes, de maneira que mesmo o alcance do “sucesso” é incapaz de suprimir o caráter fetichizado da ação do indivíduo em seu autoengendramento enquanto ser social (Ferraz & Biondini, 2019).

Em outros termos, a tese discutida neste ensaio teórico versa sobre a limitação da noção do sucesso engendrada pela sociedade capitalista, uma vez que sua consecução se encontra mediada pelo estranhamento do trabalho – pela propriedade privada dos meios de produção e sua negatividade, o trabalho assalariado –, delineando a existência humana aos próprios limites do capital (Mészáros, 2016).

Ao tratar da noção de sucesso na sociedade capitalista, damos ênfase à Administração – como campo prático e científico –, dado o duplo aspecto concernente ao seu papel social. O primeiro aspecto é por ser público-alvo da produção midiática (e acadêmica) sobre sucesso, o que foi chamado por Paula e Wood (2003) de *pop management* (livros para consumo rápido, de fácil leitura e forte apelo visual), obras que mais apresentam “fórmulas de sucesso” do que efetivamente discutem aspectos científicos da atividade da gestão.

Vale ressaltar que, naquele momento, Paula e Wood (2003), considerando a superficialidade do trabalho de tal produção literária, acreditavam que seria uma tendência breve; entretanto, diferente da expectativa dos autores, o *pop management* tanto não regrediu como segue como um mercado promissor. Não é por acaso que o estudo de Ituassu e Tonelli (2014) aponta que, desde a década 1990, as discussões sobre o sucesso afastam-se das organizações e vinculam-se aos indivíduos. Isto é, a noção de sucesso torna-se vinculada à ideia de mérito, pois coincide com a chegada e a consolidação do discurso empreendedor no Brasil (Ferraz, 2020), no qual a

lógica do sucesso é subjacente. Mérito, sucesso, empreendedorismo e *pop management* são, portanto, diferentes manifestações do mesmo fenômeno e as escolas de Administração e negócios têm sido um espaço franqueado para sua reprodução.

Tais discussões encontram respaldo para se expandir quando as condições objetivas que oportunizam a produção de subjetividades harmonizadas com os interesses das relações capitalistas nos compelem a problematizar a naturalização desses valores burgueses como se fossem universais (Coutinho, 2019). Uma vez que a noção de sucesso, por conseguinte, não reflete um desígnio do gênero humano, refere-se, sobretudo como corolário da relação particular entre capital e trabalho.

O segundo aspecto da importância de discutir a noção de sucesso a partir da Administração deve-se ao fato de que, na sua atuação prática, administradores e administradoras podem deparar-se com formas menos mediadas das contradições entre capital e trabalho. A Administração poderia ser um locus para discussões para além do capital; ocorre, porém, que, mesmo dentro dos chamados Estudos Organizacionais, a crítica é realizada, sem, contudo, ultrapassar a linha que demarca as relações capitalistas de produção (Ferraz & Ferraz, 2018). Assim, mesmo os que se posicionam críticos à lógica gerencialista, ou mais estritamente críticos da noção do sucesso, buscam mais encontrar meios de humanizar o capital do que questionar sua efetividade, o que, conforme expomos neste artigo, não apenas não é possível, como faz parte do problema.

Para realizar tal discussão, este trabalho está organizado da seguinte maneira: após esta breve introdução, discutiremos como a noção de sucesso se modifica em harmonia com as transformações produtivas dentro do capitalismo no século XX, trazendo-nos até as portas do século XXI. O tópico seguinte versa sobre a impessoalidade das relações capitalistas, demonstrando como as escolhas individuais são pautadas pelas necessidades reprodutivas do valor e apresentando a categoria marxiana do trabalho estranhado, para que se possa expor como a busca pelo sucesso, nesse panorama, ratifica o processo de desumanização que lhe é inerente. Por fim, é apresentada a conclusão do ensaio, encerrada com recomendações de estudos correlatos.

2. A Mobilidade da Noção de Sucesso

É na sociedade hodierna que o trabalho aparece como um aspecto central da posição de um indivíduo diante dos outros (Noronha & Barbosa, 2016), pois, ainda que o trabalho seja a atividade que autoproduz o gênero humano, é na sociedade capitalista que o trabalho livre (Marx, 2013) – que permite que pessoas vendam sua própria capacidade de trabalho – medeia as relações sociais. A consolidação da sociabilidade capitalista em sua dinâmica subordina a reprodução da vida ao trabalho assalariado, dado seu processo da expropriação dos (das) trabalhadores (trabalhadoras) de meios de produção e sua libertação para a venda de sua força de trabalho (Marx, 2013).

Embora o desenvolvimento capitalista tenda a se globalizar, tal processo não ocorre de forma igual; cada nação (região, cultura, acúmulo de capital, dentre outros elementos) tem uma dinâmica própria, ainda que o capital se conecte mundialmente. O capitalismo dependente brasileiro, por exemplo, foi hipertardio (Chasin, 1978), o que nos coloca numa situação distinta da realidade anglo-saxônica, de onde emanam as mais conhecidas formulações teóricas sobre a sociedade moderna, não sem causar um certo desconforto simplificadamente resumido, como se teoria e prática fossem diferentes, quando na verdade representam o afastamento entre a noção ideal do mundo burguês e as condições efetivas sobre as quais vive a maior parte da humanidade. Vale lembrar que não se trata de uma questão geográfica (embora esta possa contribuir), mas do modo pelo qual o capitalismo se desenvolveu em cada região e as relações de dependência que subordinam a produção de um país a outro (Marini, 2000).

É tão tênue a linha que separa o indivíduo de seu trabalho nessa quadra histórica que, muitas vezes, ao se apresentarem, os indivíduos informam sua atividade profissional logo em seguida ao próprio nome. Pela profissão de alguém, costumamos projetar mentalmente qual o seu padrão de vida (capacidade de compra e de consumo), sua posição política, seus hábitos, dentre outros. Desse modo, não é difícil imaginar porque, atualmente, o conceito de sucesso está profundamente vinculado a carreira e bens (propriedades). Mas isso é apenas a aparência da questão; o sucesso termina personificando (objetivamente e subjetivamente) as categorias econômicas exercidas contraditoriamente a partir das relações capitalistas.

Salientamos que “profissão”, aqui, sintetiza os fatores econômicos relacionados com a posição que tal indivíduo ocupa nas relações capitalistas, como renda, por exemplo. Contudo, na gênese da questão, ocultada pelas relações de produção estranhadas, a classe é um dos elementos determinantes das escolhas “possíveis” para a individuação. Ou seja, na sociedade capitalista, “os indivíduos concretos são impelidos tendencialmente a escolha com limites mais ou menos delimitados para essa exercitação” (Paço-Cunha, 2018, p. 27).

Como Marx e Engels (2007) ressaltam, com a propriedade privada e a divisão social do trabalho, quem detém os meios de produção da vida detém o controle sobre a produção das ideias desta sociedade. Portanto, o que entendemos por sucesso hoje decorre de uma sucessão de acontecimentos das transformações dentro das relações sociais capitalistas e igualmente dos embates entre a classe burguesa – classe dominante – e a classe trabalhadora, sobretudo, o movimento das relações capitalistas se reflete na formação de uma consciência social compatível com a aparência do cotidiano desses indivíduos (Ferraz, 2017). A noção de sucesso, nesse sentido, coaduna com a subjetividade concernente a um determinado estágio de desenvolvimento das forças produtivas das relações capitalistas de re-produção da vida.

As condições objetivas impelem trabalhadores e trabalhadoras a trabalharem para buscar o próprio sustento, mas também obter algum êxito. Todos querem ser reconhecidos como alguém bem-quisto, importante, especial de alguma maneira, ter sua história como exemplo a ser seguido, deixar um legado (Schumpeter, 1997). Porém, como se tornar alguém assim? É neste ponto que entra em cena a questão do sucesso, pois a meritocracia aparece diante da necessidade de fazer parte e (ou) até mesmo como horizonte existencial.

Na sociedade capitalista, a noção de sucesso só pode se dar no meio dos complexos de contradições que permeiam a existência do ser social estranhado, como trataremos mais adiante. Esses complexos estão em movimento e, por isso, as ideias, igualmente, vão ganhando novas conformações. Isso quer dizer que, quando as determinações da produção são alteradas (progresso tecnológico, tamanho do exército industrial de reserva, centralização de capital, formas de gestão correspondentes), as ideias sobre a relação entre capital e trabalho também se movem, não obstante, sem mover as bases que as fazem capitalistas.

Partamos do estudo de Boltanski e Chiapello (2009) para demonstrar algumas dessas diferentes noções de sucesso. Sob influência weberiana, os autores apresentam o que seria o novo espírito do capitalismo, descrevendo as mudanças subjetivas na força de trabalho, que, para eles, podem ser resumidas em três espíritos.

O primeiro espírito corresponderia às relações capitalistas de produção do final do século XIX e se centra na figuração de um “capitalista empreendedor”, muito semelhante ao postulado de Sombart (como citado em Boltanski & Chiapello, 2009) ou de Schumpeter (1997). Nesse período, a relação entre capital (patrão) e trabalho (empregado) dava-se mais diretamente, as famílias se conheciam, o destino da empresa estava (parecia) profundamente relacionado ao do sujeito. Observemos que, nesse momento, o mérito e a impessoalidade ainda não eram a tônica da relação, que tinha uma conotação pessoal e de gratidão servil.

O segundo espírito elencado por Boltanski e Chiapello (2009) situa-se entre os anos 1930 e 1960, período entre as Grandes Guerras, fortemente marcado pelo capital monopolista e da produção em massa (Braverman, 1987). É o período dos *managers*, dos gerentes e diretores, das carreiras corporativas. É um período marcado pelo Estado de Bem-Estar social, pela solidariedade como valor social claramente oposto ao enfrentamento bélico recente. Nesse momento, a noção de sucesso vincula-se à carreira, ser promovido ou promovida, aposentar-se na firma e estabilidade.

O terceiro espírito, ainda presente e se desenvolvendo no nosso tempo, é tanto uma crise do “segundo espírito”, que foi incapaz de resolver os problemas econômicos e políticos do capital no século XX, como também, e aqui nos inserimos em um campo de debates, uma tentativa de resposta tardia à crise de 1930, quando a taxa de mais-valor começa a declinar, exigindo uma ampliação da massa de mais-valor como compensação; com isso, o capital monopolista se consolida pelo imperialismo, alinhando produção e financeirização crescente (Fontes, 2010). Esse terceiro espírito coincide com a ideia de meritocracia que mencionamos na introdução: é o empreendedor de si mesmo, o neoliberal.

Façamos uma breve reflexão sobre a contribuição de Boltanski e Chiapello (2009). Eles se colocam enquanto críticos do capitalismo e oferecem elementos importantes para pensar como as relações objetivas influenciam as subjetividades concernentes. Eles se diferenciam de Weber (2004), para quem haveria um único espírito do capitalismo, não “espíritos” no plural. No nosso



entender, ambos têm razão sobre ser um e ser três, uma santíssima Trindade. São três na medida em que explicam a imediaticidade das subjetividades engendradas mediante as novas conformações entre capital e trabalho, relações que se alteram com a luta de classes e com o desenvolvimento das forças produtivas, mas igualmente é um único espírito: a subjetividade capitalista que subjaz impávida, pois, nos três espíritos relatados, a contradição entre capital e trabalho é a gênese sobre a qual as relações são forçadas, mesmo que com novos arranjos.

Vale ressaltar que tanto os primeiros quanto o segundo nos ajudam perceber a aparência do fenômeno, contudo, sua visada idealista não nos possibilita apreender as subjetividades como engendradas em seu movimento ontogenético com as condições materiais de produção. Assim, enquanto Boltanski e Chiapello (2009) debruçam-se sobre as transformações da relação entre capital e trabalho em sua singularidade (possivelmente pela proximidade com aspectos por vezes empíricos ou até mesmo históricos), Weber (2004) discorreu sobre a relação em termos mais abstratos e particulares – isto é, eles usaram lentes mais para perto ou mais para longe. Porém, ambos partem do capitalismo como consequência e não como relação social sobredeterminada pelas condições objetivas de produção, que são caracterizadas pelos proprietários dos meios de produção de um lado e a força de trabalho do lado oposto.

Ademais, tais espíritos explicam a aparência das relações produtivas na Europa Ocidental do século XX para o XXI, havendo um “atraso” de sua manifestação no Brasil, onde a noção de carreira, por exemplo, só tem início por volta dos anos 1960 (Béhar, 2019), com a industrialização e a urbanização.

Essa digressão foi necessária para demonstrar que a noção de sucesso tem-se transformado no último século e que tais mudanças estão em harmonia com o modo como o capital se reproduz. Consultando a mídia de negócios (Paula & Wood, 2006) nas últimas duas décadas, poderíamos sintetizar as figuras de sucesso em três exemplos, livremente caricaturadas para fins expositivos e que resumem o segundo e terceiro espíritos: a vinculação de sucesso com carreira (i e ii) e a noção de sucesso como mérito (iii).

i. Sucesso pode estar ligado a ser um executivo de uma multinacional, viajando de aeroporto em aeroporto, portando um laptop de última geração, um smartphone recém-lançado, terno bem cortado e etiqueta vermelha na bagagem – afinal, é um passageiro frequente.



ii. Sucesso pode ser estar em uma reunião com outras seis pessoas, entre elas uma grande executiva, mas há alguém que é o destaque. Superou as metas e é uma referência para os demais.

iii. Sucesso pode ser começar um negócio inovador em uma garagem e se tornar o novo “Silva Zuckerberg”. Abrir uma *startup* com mais três amigos, preparar o *pitch* de vendas perfeito, conseguir um investidor-anjo, enriquecer e dar palestra no TEDx¹.

Como se segue:

i. Talvez o executivo do aeroporto se sinta solitário em algum quarto de hotel enquanto as pessoas que para ele importam se reúnem em alguma outra região do país. Ele se lembra de um dos dias mais tristes de sua carreira (vida?), quando foi promovido e não tinha com quem comemorar.

ii. Talvez a sensação de sucesso da reunião com a executiva e com os colegas tenha feito muito sentido nos primeiros anos da carreira. Lá pelo terceiro ano, sem conseguir manter a mesma performance, o sujeito é demitido para dar lugar a alguém com salário menor.

iii. Talvez o negócio inovador de garagem do “Silva Zuckerberg” seja fruto de uma ideia roubada de alguma colega que não tinha “espírito empreendedor”, que o negócio dure por uns três anos, mas, ao cabo disso, os sócios se desentendam disputando o pouco dinheiro que restou, pois o investidor-anjo era o demônio e levou 95% dos rendimentos com ele. Além disso, já existe uma inovação muito mais “inovadora” do que a que foi empreendida, enquanto a amiga que teve a ideia roubada passou em um concurso público.

Esses efeitos negativos do sucesso nos ajudam a perceber, ainda que em um plano aparente, que, mesmo para aqueles que galgam o sucesso socialmente esperado para o seu tempo (e lugar, dentro do ciclo global do capital), tal atividade se dá com as contradições inerentes ao próprio processo de trabalho.

A justificativa mais recorrente é a de que o sucesso exige sacrifícios, que não pode ser desvencilhado dessas barreiras que precisam ser combatidas. Assim, a doença, o sofrimento, a dor, a necessidade de abrir mão de momentos e pessoas importantes da vida são efeitos colaterais inevitáveis que necessitam ser superados com resiliência (eis a proliferação dos programas de qualidade de vida). Isto é, o sofrimento e os percalços são romantizados e encarados como parte

fundamental para que o sucesso seja alcançado, ou o sentido do trabalho é ressignificado, ocultando suas contradições (Ferraz & Fernandes, 2019).

Essa contradição entre a busca do sucesso e os seus efeitos nocivos guarda as tensões decorrentes do estranhamento do processo de trabalho, uma vez que “a própria exercitação [do egoísmo racional] pode contrariar as expectativas [inerente à reprodução capitalista da vida] na medida do enfrentamento de outras individualidades nas disputas sociais a que os indivíduos são impelidos pela ‘coerção muda exercida pelas relações econômicas’ e pelas práticas fixadas correspondentes . . .” (Paço-Cunha, 2018, p. 31). O indivíduo concreto pode vir a sucumbir, objetivamente e subjetivamente, diante dos conflitos postos pela tendência da individualidade moderna, como menciona Paço Cunha (2018), ao apontar que o adoecimento, e mesmo o suicídio, são resultados perceptíveis nessa sociabilidade.

No final das contas, o sucesso personaliza uma categoria econômica e, assim, aparece alinhado com a atuação profissional, seja carreira, competição, destaque ou fortuna, que acabam se tornando a própria vida, a centralidade do trabalho (Noronha & Barbosa, 2006), cumprindo seu papel ocultador das contradições e a vida se tornando um meio pelo qual o capital suga sua fonte da juventude.

Nas supramencionadas obras de *pop management*, é comum encontrar assertivas do tipo: “o segredo do sucesso é trabalhar em algo que combine com o seu perfil”. Um dos problemas dessas simplificações – e da lógica em que essa questão está inserida, que é um problema muito maior – é que elas costumam sustentar que só existem três ou quatro tipos de perfil. A incoerência dessas produções que exaltam o sucesso é patente: falam de liberdade de escolha, de respeito à diversidade, que o esforço leva aonde se quer, entretanto, no momento de serem absorvidas pelo mercado, as pessoas podem facilmente ser classificadas em tipos. O que parecia ser uma escolha livre é, no limite, “enquadrar-se” em um dos três ou quatro tipos.

Nas relações capitalistas de produção, a escolha sobre a atividade profissional (para quem pode escolher), em última instância, é determinada pelo modo como capital e trabalho se conformam (Paço-Cunha, 2018). É por isso que, até pouco tempo atrás, a busca era por carreira – como vimos com a noção de sucesso do segundo espírito – e atualmente está mais próxima da ideologia do empreendedorismo (Ferraz, no prelo).

3. A Impessoalidade, as Escolhas e o Estranhamento

Há um texto do início do século XIX chamado “Reflexões de um Jovem sobre a Escolha de uma Profissão”, escrito por um futuro filósofo alemão, quando o rapaz se encontrava em vias de concluir o que equivale ao ensino médio hoje.

Leiamos suas palavras:

A própria natureza determinou uma esfera de atividade no qual os animais devem se mover, e eles pacificamente se movem dentro dessa esfera, sem tentar ir além ou sequer suspeitar de outra. **Para o homem, também, a divindade concedeu um objetivo geral, o de enobrecer a humanidade e a própria divindade. Mas ela deixou para o homem a tarefa de buscar os meios pelo quais esse objetivo pode ser alcançado, deixou para os homens o trabalho de escolher a posição na sociedade mais adequada a cada um, a partir da qual cada indivíduo pode elevar a si mesmo e a sociedade.**

Essa escolha é um grande privilégio do homem perante o resto da criação, mas ao mesmo tempo, é um ato que pode destruir sua vida, arruinar seus planos e fazê-lo infeliz. Uma consideração séria dessa escolha é, portanto, a primeira tarefa de um jovem que está começando sua carreira e que não quer deixar suas questões mais importantes ao acaso.

Mas o guia que deve nos conduzir na escolha de uma profissão é o bem-estar da humanidade e nossa própria perfeição. Não se deve pensar que esses dois interesses possam estar em conflito, que um tenha que destruir o outro, pelo contrário, a natureza humana é constituída de modo que ele apenas pode alcançar sua própria perfeição trabalhando pela perfeição, pelo bem, de seus iguais.

Se ele trabalhar apenas para si mesmo, ele pode até se tornar famoso, um grande sábio, um excelente poeta, mas ele nunca poderá ser perfeito, um homem pleno.

A história chama de grandes esses homens que se enobreceram trabalhando pelo bem comum, a experiência aplaude como o mais feliz aqueles que fizeram o maior número de pessoas felizes, a própria religião nos ensina que o ser a quem todos devem se espelhar se sacrificou pelo bem da humanidade, e quem se atreveria a reduzir a nada tais julgamentos? Se escolhermos a posição na vida a qual podemos trabalhar pela humanidade, nenhum encargo irá nos pôr para baixo, pois esses encargos são sacrifícios pelo bem de todos, então não experimentaremos alegria mesquinha, limitada e egoísta, mas nossa felicidade irá pertencer à milhões, viveremos de ações silenciosas mas em constante trabalho, e sobre nossas cinzas serão derramadas quentes lágrimas de pessoas nobres. (Marx, 2020[1835], s/p, grifos nossos).

O excerto é de Karl Marx, de cerca de dez anos antes de produzir suas primeiras obras conhecidas. O jovem formando mostra-se inspirado pela possibilidade de agir no mundo em que

vive mesmo diante do capitalismo tardio da Alemanha, mas, nesse momento, ele ainda ignora os limites colocados pelas relações capitalistas, embora, na primeira metade do século XIX, o capitalismo já apresentasse elementos desenvolvidos na Inglaterra e na França (regiões as quais o filósofo alemão, no futuro, se debruçou em seus estudos).

É no modo capitalista que o trabalho assalariado (todo aquele que recebe uma dada quantia pela venda da força de trabalho) não possibilita que os indivíduos decidam livremente sobre o seu ato de trabalhar, tal como em qualquer sociedade que se baseie na exploração de um indivíduo por outro. Contraditoriamente à liberdade cultuada nos discursos capitalistas inspirados nos valores ilustrados, para um (uma) trabalhador (trabalhadora), trabalho livre consiste em escolher entre trocar as horas de vida por sustento ou sucumbir. Se há alguma liberdade, portanto, no melhor dos casos, esta consiste em escolher a quem e como vender sua força de trabalho (Marx, 2015), uma vez que não se decide o objeto do trabalho nem o processo, tampouco o que será produzido ou seu destinatário.

O mercado de trabalho é lugar onde a classe trabalhadora troca suas horas de vida por salário e onde os capitalistas compram horas de vida para produzir mercadorias e extrair mais-valor. Essa venda da força de trabalho é um meio de garantir a reprodução da vida, seja uma necessidade do estômago ou da imaginação, o que ocorre necessariamente por meio da exploração do trabalho alheio e de modo fetichizante (Marx, 2013). O fetiche ocorre porque o trabalho humano é objeto de mercantilização/exploração, mas não apenas isso; a força de trabalho é a mercadoria das mercadorias, sendo o único elemento produtivo capaz de adicionar valor ao processo de trabalho (Marx, 2013).

A mercantilização da capacidade humana de trabalho contém, assim, o trabalho concreto – aquele que um indivíduo singular realiza –, mas também o trabalho abstrato – que derrete o trabalho concreto em uma geleia de trabalho social médio – (Marx, 2013). Por isso, os produtos que estão nas prateleiras e nas vitrines nada nos dizem sobre sua origem: Quem o fez? Qual a extensão da jornada de trabalho? O produtor tem garantias sociais? Foi trabalho escravo? O trabalho abstrato é indiferente à singularidade do produtor, embora contraditoriamente seja dependente da singularidade de cada trabalho concreto para que possa existir.

Posto de outro modo, a produção humana ocorre de maneira fetichizada, uma vez que as relações humanas ficam ocultadas por detrás das trocas mercantis, cujo valor (de troca) se sobrepõe ao valor de uso (Marx, 2013). Isso implica que a utilidade de uma mercadoria, mesmo a mercadoria força de trabalho, é subordinada à sua capacidade de ser valorizada e ser mercantilizada, pois “o trabalhador assalariado só tem permissão de trabalhar para sua própria vida, isto é, para viver, desde que trabalhe de graça um determinado tempo para o capitalista” (Marx, 2015, p. 38).

O modo como se produz a existência é o momento preponderante no autoengendramento do gênero humano, ou seja, a objetividade do modo como os indivíduos se inserem e reproduzem na esfera econômica condiciona (sem determinar) sua subjetividade. “Com efeito, a exercitação do egoísmo racional é um resultado da lógica econômica fundamental do capitalismo e das relações sociais que se desenvolvem. Traz consigo inúmeras consequências experimentadas pelos indivíduos concretos também no plano subjetivo” (Paço-Cunha, 2018, p. 32).

Nesse sentido, a escolha livre de uma profissão, nos termos que foram colocados pelo jovem que a escolhia, não é possível dentro da sociedade capitalista. Aqui, antes de continuar, precisamos apresentar um conceito importante e tão mal compreendido atualmente: o conceito de estranhamento.

A alienação ocorre quando projetamos a nossa individualidade em outro elemento que não em nós mesmos, isto é, quando objetivamos nossa subjetividade em algo exterior (Marx, 2015). Isso pode ser promissor ou um atraso no que tange ao autoengendramento do gênero humano. Quando essa alienação ocorre mediada pela venda da força de trabalho, isto é, com o trabalho assalariado, aquilo que se produz não é a subjetividade objetivada, mas algo distinto – estranho – de quem o produziu.

O indivíduo, ao estranhar o objeto de seu trabalho – que se objetiva fora dele e, além dele, tornando-se, desse modo, poderoso e estranho – e ao estranhar a própria prática do ato da produção no interior do trabalho, aliena-se de si mesmo. A socialização do trabalho estranhado propicia o individualismo, na medida em que afasta o indivíduo do gênero humano, tornando-o racionalmente egoísta, pois, visto que já não se enxerga enquanto natureza (enquanto parte do gênero que humaniza a natureza em sua produção) e enquanto parte da humanidade, o indivíduo estranha seus semelhantes, uma vez que já não se vê como tal (Marx, 2015).

Seguindo Marx (2011, p. 105), tal situação ocorre pois:

O caráter social da atividade, assim como a forma social do produto e a participação do indivíduo na produção, aparece aqui diante dos indivíduos como algo estranho, como coisa; não como sua conduta recíproca, mas como sua subordinação a relações que existem independentemente deles e que nascem do entrechoque de indivíduos indiferentes entre si. A troca universal de atividades e produtos, que deveio condição vital para todo indivíduo singular, sua conexão recíproca, aparece para eles mesmos como algo estranho, autônomo, como uma coisa. No valor de troca, a conexão social entre as pessoas é transformada em um comportamento social das coisas; o poder [*Vermögen*] pessoal, em poder coisificado.

Marx (2011, p. 106) coloca a situação da particularidade moderna como uma forma social de dependência, cuja “livre individualidade fundada sobre o desenvolvimento universal dos indivíduos e a subordinação de sua produtividade coletiva, social, como seu poder social” corresponde ao atual momento da sociabilidade humana, mesmo que a produção seja amplamente socializada. Sobretudo na sociedade capitalista, a produção desse “ser-propriadamente-assim de suas decisões alternativas” ocorre num processo de estranhamento, de reificação, cuja sociabilidade humana, sua consciência, é influenciada por relações sociais cujos interesses individuais estão em constante contradição com os interesses coletivos; ou seja, o ser social encontrar-se-á, por vezes, em oposição à individualidade (Lukács, 2010).

A busca pelo interesse egoísta, ou o mérito, como tratamos anteriormente, isto é, a busca pelo sucesso na sociedade capitalista, só pode se dar às custas da indiferença recíproca, da impessoalidade característica do trabalho abstrato, que tanto possibilita que o (a) trabalhador (trabalhadora) continue sobrevivendo, pois é a sua fonte de sustento, quanto o desumaniza nesse processo, uma vez que sua atividade é estranhada e reproduz essa reificação das relações sociais.

Tal processo do estranhamento faz com que o indivíduo se volte para si e, devido ao estranhamento de si enquanto gênero humano e, conseqüentemente, do outro (se ele não se reconhece enquanto gênero também não conseguirá identificar outros), desenvolva uma personalidade (uma subjetividade) cujas escolhas tendem a reproduzir a indiferença recíproca que permeia a sociabilidade mediada por trocas mercantis. Sua consciência social, dessa maneira, não corresponde imediatamente aos interesses contingentes dele próprio enquanto ser social, mas do

capital como relação social estranhada. A noção de sucesso, por suposto, tem menos a ver com as qualidades individuais do sujeito e mais com as demandas do capital em um dado contexto.

Ao trazer o estranhamento para o atual estágio das forças produtivas para salientar a noção de sucesso, teríamos o seguinte:

1) Não escolhem, de fato, nossa profissão. Precisamos decidir por algo que esteja em evidência no momento em que estamos para adentrar o mercado de trabalho. À guisa de exemplo, algumas gerações passadas desejavam estabilidade, outra geração almejava ser grandes executivos de multinacionais, enquanto a geração atual busca ser empreendedores de alto impacto. Essas escolhas-médias conjugam as decisões dos indivíduos concretos, mas também as possibilidades reais que se apresentam e que demonstram oportunidades de condições melhores para reproduzir a existência. Quantos músicos, artistas, artesãos, alfaiates, atletas sucumbiram para dar lugar a uma confortável cadeira ergonômica e uma mesa de madeira escura com um computador de última geração? Isto é, a escolha não reflete necessariamente a individualidade, mas aquilo que se necessitou escolher para conseguir se reconhecer minimamente em sua atividade e condições materiais para prover sua existência.

2) Como não se escolhe, de fato, o próprio trabalho, também não se poderá escolher como fazê-lo. Isto é, não se decide sobre o processo de trabalho, o horário mais adequado, o modo de fazer ou mesmo a intensidade. Ainda que individualmente se escolha “fazer do seu jeito”, pode-se perder a vaga para outro profissional que atua como as outras pessoas esperam. Se for uma empresa (nem que seja empresa de si mesmo), então, pode ser menos eficiente do que a concorrência. Enfim, não se escolhe verdadeiramente o conteúdo do trabalho e nem a forma que irá realizá-lo. E, caso não se “adeque” aos ciclos econômicos e outras externalidades, será paulatinamente excluído. Aqui, é importante dizer que mesmo as empresas que propõem formas alternativas de execução das atividades, não fazem porque se submetem às escolhas dos (das) trabalhadores (trabalhadoras), mas sim porque perceberam que essa seria a forma na qual a maior produtividade seria alcançada.

3) Essas ações (1 e 2) vão afastando o indivíduo concreto do gênero – o estranhamento do ser social. Não se trata apenas de uma questão individual; é principalmente um movimento social, isto é, as relações humanas tornam-se cada vez mais estranhadas. Chega-se a um momento em que

já não se pode lembrar do que se gostava de fazer antes de começar a trabalhar, pois é necessário manter-se focado (focada), atento (atenta), pois a competição não espera. Assim, não vendo a si próprio como alguém que em sua individualidade faz alguma diferença na vida das pessoas, perde-se a capacidade de ver o outro como gente também. Se todos competem, é um contra o outro.

4) Finalmente, diante desse quadro, nossa subjetividade é afetada pois acabamos não nos vendo como parte da própria humanidade, como parte do gênero humano. Contraditoriamente “o mercado” (como expressão dos interesses da classe capitalista) difunde que o trabalhador é único e especial, mas, para isso, deve “vencer” sozinho (sem ajuda e também deixando os concorrentes para trás), negligenciando, inclusive, as demais esferas da sociabilidade, pois a vida é paulatinamente resumida em produzir valor e esse é o preço do sucesso.

Nessas condições, na melhor das hipóteses, a noção de sucesso consiste em manter alguma saúde e poder fazer alguma diferença para as pessoas mais próximas. A questão, porém, é que mesmo essa possibilidade tem-se tornado menor diante do avanço da destruição social e ambiental que tem sido realizada, especialmente no último século.

Por fim, resgatando o jovem que refletiu sobre a escolha da profissão, em um manuscrito de oito anos depois, agora doutor em filosofia:

1º) Na minha produção, eu realizaria a minha individualidade, a minha particularidade; experimentaria, trabalhando, o gozo de uma manifestação individual da minha vida e, contemplando o objeto, a alegria individual de reconhecer a minha personalidade como um poder real, concretamente sensível e indubitável.

2º) No teu gozo ou na tua utilização do meu produto, eu desfrutaria da alegria espiritual imediata, através do meu trabalho, de satisfazer a uma necessidade humana, de realizar a essência humana e de oferecer à necessidade de outro o seu objeto.

3º) Eu teria a consciência de servir como mediador entre ti e o gênero humano, de ser reconhecido por ti como um complemento do teu próprio ser e como uma parte necessária de ti mesmo, de ser aceito em espírito e em teu amor.

4º) Eu teria, em minhas manifestações individuais, a alegria de criar a minha atividade individual, a minha verdadeira essência humana, a minha sociabilidade humana. (Marx, 2015, pp. 221-222).

Ora, o que vemos no trecho é que o trabalho é a fonte da essência humana, tanto individualmente quanto socialmente, é um meio pelo qual construímos o mundo em que vivemos, mas diferentemente de uma existência baseada na exploração humana (e da natureza), em que

indivíduos mutuamente indiferentes competem entre si, guiados por uma ideologia meritocrática. Ao revés, o que Marx (2015) exorta é a possibilidade de uma nova forma de sociabilidade em que individualidade e gênero não se coloquem como antagônicos; e, por isso, a noção de sucesso esteja envolta de uma subjetividade de maiores possibilidades de escolhas e realizações genuinamente humanas.

4. Conclusão

Este ensaio teve por objetivo refletir acerca da noção de sucesso considerando as contradições do trabalho nas relações de trabalho no capitalismo. Buscamos expor, em conclusão, que por ser o trabalho fonte primeira da essência humana e pelo fato de essas relações produtivas e reprodutivas encontrarem-se estranhadas (Marx, 2015), o sucesso, nessa conjuntura, pode ser apreendido como igualmente restringido à capacidade de suprir as necessidades materiais e imateriais que possam ser adquiridas provenientes de relações humanas baseadas na acumulação capitalista; por isso, o sucesso atua como reforço ideológico que oculta a exploração do trabalho e o estranhamento que lhe é inerente.

O ideário capitalista ratificado pela noção de sucesso refere-se à ideia de êxito pessoal atrelado ao ganho nas esferas de trocas mercantis. Isto é, a consciência aderente à sociedade burguesa é reforçada pela ciência e pela mídia, na medida em que a história do indivíduo é mensurada a partir de suas conquistas no âmbito das relações capitalistas de produção: juntar dinheiro, investir, ter uma carreira, aumentar o poder de compra, acumular capital.

Da pesquisa científica ao ensino, a situação se prolonga. A superficialidade da formação dos (das) administradores (administradoras) vem sendo apontada por Nicolini (2003), que há quase duas décadas fez o alerta de que a formação, no Brasil, mais se assemelha a uma “fábrica de administradores”, dado o seu conteúdo superficial e distante das condições concretas do país. Mas não é apenas uma questão de superficialidade, é também ideológica, pois a moral burguesa vem sendo difundida sem as devidas investigações ontológicas, como salienta D. L. S. Ferraz (2020). Ensina-se lucro, salário e competências, mas não se explica valor, valor da força de trabalho e para que serve a força de trabalho. Isto é, discute-se como trabalhar – processo de trabalho –, mas não

se discute como a reprodução capitalista do trabalho compromete a humanização do ser social – processo de valorização.

Sobretudo nos dias atuais, fica mais evidente que são reduzidas as possibilidades de realização das atividades que efetivamente seriam nossas escolhas; o trabalho assalariado torna-se o aspecto central da vida que gira em torno da atividade econômica do indivíduo. Por isso, a necessidade de discutir sucesso faz parte da forma como nos relacionamos com as pessoas atualmente. Observemos que a própria ideia de sucesso é excludente, pois, para alguém ganhar, deve haver alguém que perdeu, que fracassou. O mérito seria o prêmio que apenas os (as) conquistadores (conquistadoras) únicos (únicas) e especiais alcançam.

O sucesso, assim – e este aspecto precisa ser observado atentamente –, cumpre uma função de nos deixar vigilantes para continuar buscando sabe-se lá o quê: carreira, promoção, dinheiro, coisas, para quê, afinal? O que fica depois do “sucesso”? Acabamos deixando que essa lógica desumanizante tome as rédeas das nossas escolhas e transpareça para nós como algo bom e necessário. Não obstante, seus efeitos sobre as relações sociais são devastadores, por isso sustentamos que o sucesso retroalimenta as relações estranhadas que o engendram.

Entretanto, não é possível, na sociedade em que vivemos, dizer a alguém que ele deve largar tudo e seguir seu sonho (será que o sonho é seu mesmo?) e que a realização pessoal é a mais importante das decisões. Não podemos afirmar tais possibilidades, pois a realidade da vida na sociabilidade hodierna é essa, cruel e desumana como ela só, e é por isso que a classe dominante permanece buscando e implementando meios de distorções, paliativos e artifícios diversos para manter trabalhadores “focados”.

Sem embargo, podemos afirmar que, da mesma forma como atualmente já não nos apresentamos pelo sobrenome da família, mas pela profissão que desempenhamos, as relações sociais podem ser alteradas. A busca pelo sucesso tal como discutimos aqui não é um movimento natural da natureza ou da humanidade.

O sucesso pode ser retido como a personificação de uma categoria econômica nas bases da sociedade capitalista, acompanhando a noção da individualidade moderna de Paço Cunha (2018). Entretanto, o sucesso poderia ser reflexo da grandeza da produção humana, engendrado por uma atividade concreta no mundo cujo processo e produto possam atribuir um sentido para além da

própria individualidade, sendo que a individualidade é formada numa relação dialética entre o indivíduo e o mundo exterior, entre a objetividade e subjetividade, pois embora isso possa parecer contraditório, é dessa maneira que melhor conseguimos engendrar nossa própria humanização, enriquecendo nossa individualidade.

Por isso, esperamos que chegue o dia em que ninguém precise abdicar da sua existência e de relações humanizadas para ter sucesso. E se, nesse tempo, a palavra sucesso ainda existir, será apenas para significar “êxito”, como bem ressaltava o saudoso Ariano Suassuna.

Por fim, recomendamos que sejam realizados novos estudos envolvendo a subjetividade da classe trabalhadora considerando as novas metamorfoses do trabalho, especialmente com a aceleração das mudanças com a pandemia da Covid-19. Sugerimos a realização de pesquisas sobre a “uberização”, a pauperização do (da) trabalhador (trabalhadora) e as falácias da prática empreendedora.

Referências

- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital*. São Paulo: Boitempo.
- Béhar, A. H. (2019). Meritocracia enquanto Ferramenta da Ideologia Gerencialista na Captura da Subjetividade e Individualização das Relações de Trabalho: Uma Reflexão Crítica. *Organizações & Sociedade*, 26(89), 249-268.
- Boltanski, L. & Chiapello, È. (2009). *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Braverman, H. (1987). *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*, 3, Rio de Janeiro: Guanabara.
- Chasin, J. (1978). O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio. São Paulo: *Ciências Humanas*.
- Coutinho, C. N. (2019). *O estruturalismo e a miséria da razão*. 2.e. Expressão Popular.
- Dardot, P. & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.

- Ferraz, D. L. S. A (2017). Administração de Recursos Humanos Como Conhecimento que Constitui uma Consciência de Classe para o Capital. *Revista brasileira de administração política*, 9(1), 65-88.
- _____. (2020) Produção de Conhecimento em Administração e seu ensino: Enquanto não soubermos o que é o capital, está tudo bem... In: Nuevo Blog, 25 set. 2020. Disponível em: <https://nuevoblog.com/2020/09/25/producao-de-conhecimento-em-administracao-e-seu-ensino-enquanto-nao-soubermos-o-que-e-o-capital-esta-tudo-bem/> . Acesso em 06 out. 2020.
- Ferraz, D. L. S. & Fernandes, P. C. M. (2019) Desvendando os sentidos do trabalho: limites, potencialidades e agenda de pesquisa. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 22(2), 165-184.
- Ferraz, J. M. (2020). Não são gigantes, são moinhos de vento: as desventuras dos/as empreendedores/as em terra brasilis. *Caderno De Administração*, 28(Edição E), 76-81.
- _____. (no prelo). *Para além da prática empreendedora no capitalismo brasileiro*. São Paulo: Almedina.
- _____. & Biondini, B. K. F. (2019). Uma breve discussão sobre sucesso e suas contradições a partir do aporte marxiano. *Anais do Encontro de Estudos Organizacionais da Anpad 2019*. Fortaleza, CE, Brasil.
- _____. & Ferraz, D. L. S. O materialismo histórico e dialético: porque ser contra-hegemonico (pode) não é ser contra o capital. In: Cunha, E. P. & Ferraz, D. L. S. (2018) *Crítica Marxista da Administração*. Rio de Janeiro: Rizoma.
- Fontes, V. (2010). *O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história*. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ.
- Franco, D. S., & Ferraz, D. L. S. (2019). Uberização do Trabalho e Acumulação Capitalista. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(Edição Especial), 844-856.
- Ituassu, C. T., & Tonelli, M. J. (2014). Sucesso, mídia de negócios e a cultura do management no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR*, 12(1), 86-86.
- Lukács, G. (2010). *Prolegômenos Para uma Ontologia do Ser Social*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Marx, K. (2011). *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- _____. (2013) *O capital: livro 1, o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo.



- _____. K. (2015). *Cadernos de Paris e Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. São Paulo: Expressão Popular.
- _____.; Engels, F. (2007). *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. (2020). Reflexões de um Jovem sobre a Escolha de uma Profissão. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1835/08/16.htm>. Acesso em 04 abr. 2019.
- Mészáros, I. (2006). *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo.
- Marini, R. M. (2000). *Dialética da dependência*. Petrópolis: Vozes; Buenos Aires: CLACSO.
- Nicolini, A. (2003). Qual será o futuro das fábricas de administradores?. *Revista de Administração de Empresas*, 43(2), 44-54.
- Noronha, N. S., & Barbosa, D. M. S. (2016). Renda, Consumo e Centralidade do Trabalho na 'Nova Classe Média' Brasileira. *Revista de Administração Mackenzie*, 17(1), 40-54.
- Nunes, F. A. T., & Felix, B. (2019). Viver um Chamado Ocupacional por meio do Empreendedorismo Leva à Satisfação no Trabalho?. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 13(4), 100-115.
- Paço-Cunha, E. (2018). Individualidade moderna como particularidade. *Trab. Educ. Saúde*, 16(1), 15-38.
- Schumpeter, J. A. (1997). *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Wood Jr., T., & Paula, A. P. P. (2002). Pop-management: contos de paixão, lucro e poder. *Organizações & Sociedade*, 9(24), 39-51.
- Wood Jr., T., & Paula, A. P. P. (2006). A mídia especializada e cultura do management. *Organizações & Sociedade*, 13(38), 91-105.

Notas

¹ Acrônimo de Technology, Entertainment, Design. “TEDx brings the spirit of TED’s mission of ideas worth spreading to local communities around the globe”. Disponível em <https://www.ted.com/>. Acesso em 05 Out. 2020.